

PODER POLÍTICO E RELIGIÃO: A DOCUMENTAÇÃO ARQUEOLÓGICA NO ESTUDO DE SOCIEDADES ANTIGAS

✧ *Elaine Farias Veloso Hirata**

RESUMO: Esta comunicação relata os resultados de uma pesquisa sobre as relações entre o poder político e a religião em uma área colonial, utilizando como fontes, documentos arqueológicos de natureza variada: artefatos de cunho ritual ou votivo e estruturas arquitetônicas relativas a áreas sagradas. As fontes textuais também foram levadas em consideração e confrontadas com os testemunhos materiais, exemplificando um procedimento usual no âmbito da Arqueologia Clássica. A área investigada é a Sicília; em especial as colônias gregas de Gela, Agrigento, Selinonte. O tratamento do nosso principal problema – a eventual “manipulação” política de cultos pelas tiranias locais – foi efetuado a partir da abordagem da religião de Deméter e Core-Perséfone durante os sécs. VII-II a.C.

O objetivo desta comunicação é expor os resultados de uma pesquisa voltada para o estudo da religião de origem grega que se desenvolve em uma área colonial do Mediterrâneo Ocidental: a Sicília. A documentação de base utilizada abrange artefatos arqueológicos variados tais como: estatuetas de terracota, prótomos, lamparinas, vasos cerâmicos, que constituem as oferendas votivas recorrentes em áreas de culto das colônias gregas sicíliotas; paralelamente são investigadas as estruturas arquitetônicas associadas a tais conjuntos e a própria relação dos santuários com a organização política destas novas “poleis”.

Os dados obtidos com a análise da documentação material foram sistematicamente confrontados com o testemunho dos textos antigos, havendo também uma preocupação com a definição de um quadro histórico específico, indispensável para definir os parâmetros da interpretação.

* Museu de Arqueologia e Etnologia USP.

O problema principal a ser abordado nesta perspectiva diz respeito ao uso político que os tiranos sicilistas teriam feito de certos cultos com conotações “populares” e ampla difusão por toda Sicília, o que, de imediato remete à religião das “Duas Deusas”, isto é, Deméter e Core-Perséfone.

Tendo em vista que esta comunicação insere-se em uma Reunião Científica dirigida basicamente para arqueólogos voltados para o contexto americano, e que o objeto desta Mesa redonda é, em especial, divulgar as pesquisas em Arqueologia Clássica efetivadas no Brasil, considero fundamental que as premissas metodológicas que nortearam este trabalho possam ser expostas de formas sucinta.

Arqueologia e Religião: fundamentos metodológicos.

O volume I da revista *Kernos – Revue Internationale et Pluridisciplinaire de Religion Grecque Antique* – publicada em 1988, reuniu uma série de especialistas cujos textos questionam aspectos fundamentais para a definição de uma diretriz metodológica na abordagem da religião grega antiga. Assim, Robert Laffineur (Univ. de Liège), Evangelhos Moutsopoulos (Atenas) e Guy Donnay (Musée Royal de Mariemont) apresentam contribuições teóricas significativas (V. Bibliografia) e que ultrapassam os limites da religião grega, podendo servir de subsídios para arqueólogos de outras áreas culturais.

A questão básica e naturalmente a mais discutida diz respeito ao que Laffineur define como o confronto, no plano epistemológico, dos valores respectivos das fontes textuais e materiais para o conhecimento de comportamentos de sociedades desaparecidas. A visão corrente, especialmente entre os historiadores do mundo antigo, procura estabelecer uma relação simplista de complementaridade entre as duas categorias, reconhecendo uma primazia intrínseca às fontes escritas, especialmente no que tange aos aspectos “subjetivos” de uma cultura. Neste âmbito, por serem “mais explícitas” teriam um mais alto grau de confiabilidade diante dos testemunhos materiais. Causa estranheza constatar que menospreza-se, nesta afirmativa, a intensa carga ideológica subjacente aos textos, instrumentos privativos de grupos hegemônicos interessados na preservação de seus valores, junto às gerações vindouras.

Colin Renfrew ao estudar o santuário de Phylakopi, na ilha de Melos, elaborou uma publicação sobre o que denomina “arqueologia do culto”(1985) e que sintetiza interessantes reflexões sobre as inter-relações entre a Arqueologia e a Religião, resultantes das escavações inglesas deste santuário egeu da Idade do Bronze.

A análise das mais frequentes atitudes observáveis entre os arqueólogos que trabalham com questões relativas à religião, conduziu Renfrew às seguintes considerações:

O ceticismo quase total, a prudência imobilizante na utilização dos “testemunhos involuntários”diante de questões consideradas “subjetivas”no âmbito de uma formação cultural, constituem o reflexo de uma crença compartilhada por pesquisadores, no sentido de haver graus hierarquizados da confiabilidade que se pode atribuir aos dados arqueológicos. Por conta desta concepção a “validade”dos documentos materiais decresceria dos fenômenos relativos às técnicas de produção, passando pelos níveis econômico e de subsistência, às instituições sócio-políticas e, finalmente à esfera do sagrado.

Em uma perspectiva oposta e igualmente nociva situa-se o otimismo exagerado que acredita poder analisar os dados arqueológicos utilizando o “livre exercício do dom criativo do espírito humano para a imaginação”, segundo o próprio Renfrew. Resultam daí interpretações baseadas em um comparativismo apressado e que, por exemplo, postulam para uma mesma região a evolução das crenças religiosas em um sentido linear e contínuo, o que justificaria combinar dados arqueológicos da Idade do Bronze e fontes escritas da Grécia histórica.

No entender de Renfrew, a etapa fundamental em um trabalho arqueológico em área sagrada diz respeito à identificação clara e segura dos elementos culturais. O grau de controle sobre a validade do processo de caracterização dos implementos de cunho religioso constitui a base sobre a qual o patamar da interpretação poderá ou não ser estruturado. Em síntese, a identificação objetiva dos dados materiais que irão alimentar e justificar as teorias interpretativas necessita obedecer a padrões de controle checados.

No caso do amplo complexo cultural que se insere nos quadros do Mediterrâneo antigo ocorre, com frequência, que vestígios arqueológicos idênticos do ponto de vista formal, sejam considerados de análoga função mesmo se encontrados em áreas geograficamente dis-

tantes. Esta desconsideração da possibilidade de ocorrência de rearranjos simbólicos em resposta a uma situação histórica específica evidentemente conduz a equívocos significativos. Assim, o achado de “machados duplos” ou “cornos de consagração” típicos de contextos cultuais de Creta minóica em sítios da Sardenha ou Península Itálica deve indicar como procedimento metodológico natural a busca do contexto próprio a este achado. Não é aceitável que na ausência de um contexto, identifique-se o significado cultural ou ritual de um artefato isolado mediante o uso de contextos vizinhos que sejam mais explícitos, mesmo que estes ofereçam critérios de confiabilidade suficientes no que lhes concerne.

O trabalho que será exposto a seguir insere-se na perspectiva apontada por C. Renfrew. Em um primeiro momento, foi definida a hipótese inicial: como entender as relações entre o poder político e a religião em uma área colonial; a seguir foram definidas as “condições de contorno” que permitiriam o controle das variáveis envolvidas e a seleção dos critérios a serem aplicados. Assim, além da informação arqueológica, dos textos antigos referentes aos aspectos religiosos e históricos envolvidos buscou-se ampliar o quadro referencial teórico por meio de analogias com situações similares observáveis em outros contextos. Por conta desta preocupação, a obra de Simon Price, *Rituals and power*, 1984 e os escritos de W. R. Connor relativos à investigação de rituais religiosos e a vida cívica na Europa Medieval e Renascentista (*Journal of Hellenic Studies*, 1987) foram fundamentais no sentido de desvendar novas possibilidades de entendimento da simbiose que, por vezes se estabelece entre a esfera política e as manifestações coletivas de cunho sagrado ou não.

A religião grega em uma área colonial

Um dos mais importantes ensaios até hoje escritos sobre a questão da religião que os colonos gregos trouxeram para a Sicília foi publicado há quase 30 anos: trata-se de texto de Angelo Brelich (*Ko-lalos*, vol. X-XI 1964-65) cujas idéias principais permanecem válidas

até o momento. O grande mérito de Brelich está no fato dele ter sido um dos primeiros autores a questionar a visão tradicional que opunha gregos e populações indígenas como esferas culturais radicalmente diferentes e muitas vezes antagônicas. Aos colonos estaria reservado o papel de ativos agentes aculturadores em um processo cuja variáveis principais escapam totalmente ao controle pela ausência de documentação. Como poderíamos caracterizar “a cultura grega” introduzida por levadas sucessivas de colonos oriundos de diferentes *poleis* e interagindo com populações que, por sua vez, também apresentam níveis díspares de desenvolvimento cultural? O tratamento das questões religiosas passa obrigatoriamente pela definição dos procedimentos e formas de transmissão de elementos ideológicos entre o colonizador e o complexo mundo indígena. A documentação arqueológica e textual disponível no momento não permite que se elabore um quadro orgânico deste universo não-grego no que tange ao seu desenvolvimento diacrônico e geograficamente articulado o suficiente para evidenciar estruturas socio-econômicas específicas.

Os limites da documentação impõem, portanto, um direcionamento da pesquisa para áreas bem delimitadas do ponto de vista espacial, e histórico-cultural. Trata-se, em síntese, de esclarecer quais os traços culturais gregos efetivamente incorporados, definir quando, estabelecer o porquê e a área geográfica atingida, e em especial, relacionar este complexo processo com estratos sociais particulares. Desta feita poderão ser definidas *linhas de tendência* do processo de transmissão de elementos ideológicos entre grupos sociais bem definidos.

O exame circunstanciado das evidências materiais relativa à áreas da Sicília indígena – os arredores de Gela e Agrigento por exemplo – revela o contínuo desaparecimento dos vestígios materiais relativos às das populações autóctones no período que se segue às fundações. Não há, no entanto, até o momento, possibilidades de traçar os parâmetros básicos deste processo.

A proliferação de pequenas áreas de culto na *chora* gelense e agrigentina, onde se mesclam materiais indígenas e gregos desde os primórdios da colonização sugere o início de um processo que Torelli (V. Bibliografia) denomina, com muita propriedade, “helenização horizontal”. Quando ocorre tal situação, o que se pode observar é o envolvimento de toda uma área cultural indígena, como aconteceu ao

redor de Tarento por volta do séc. VI a.C., apresentando, de forma inequívoca, elementos gregos incorporados, o que a diferencia de grupos superficialmente helenizados. Neste caso, a assimilação cultural é total e pressupõe uma absoluta homogeneização das estruturas produtivas o que pode ser testemunhado pelo tipo de assentamento, em tudo similar ao da *chora* da *polis* grega vizinha. A “helenização vertical”, por outro lado, remete a processos direcionados a grupos sociais específicos, em geral aristocracias ávidas de produtos gregos e impregnadas pela necessidade de acumular prestígio, não tanto pela aceitação de modelos culturais gregos, quanto pelo ato de oferecer em sacrifício – em contexto funerário – objetos preciosos importados da Grécia metropolitana. Tal pode ser observado através do estudo do mobiliário funerário das tumbas lucânias (Sala Consilina, Roccanova, Ferrandina, por exemplo, áreas analisadas por Torelli).

Poder político e religião: as tiranias sicilotas e os cultos à Deméter e Core-Perséfone

A historiografia referente à religião de origem grega que se desenvolveu nas colônias sicilotas tem procurado ressaltar as identidades com o modelo metropolitano, negando totalmente qualquer tipo de interferência da religião local; ou então, volta-se para a determinação de eventual continuidade de cultos pré-coloniais, investigando os vestígios arqueológicos de áreas sagradas ocupadas pelos gregos nos primórdios da colonização. Uma possível reformulação advinda da nova situação efetivamente vivida é uma hipótese nem sempre enfatizada pelos especialistas. Isto decorre, em grande parte, do fato que os artefatos de culto continuam a ser fabricados, em larga escala, de acordo com os modelos metropolitanos, os templos apresentam similaridades flagrantes com os construídos nas *poleis* de origem e os próprios textos antigos referem-se aos cultos coloniais a partir do referencial da metrópole. Em poucos casos os textos deixam entrever especificidades nos comportamentos religiosos das colônias: Diodoro Sículo (XVI, 66), por exemplo, afirma que as “*Thesmophorias siracusanas*” eram frequentadas pelo povo em geral e duravam mais tempo que as atenienses.

Dentre os fatores que certamente terão representado estímulos

para a emergência de fatores diferenciais na religião grega da Sicília é importante citar: o contínuo afluxo de levas de colonos que na busca por novas terras se defrontam com a questão da convivência e/ou confronto com as populações indígenas; a movimentação de populações promovidas pelos tiranos com o intuito de desarticular eventuais oposições ao seu poder e, finalmente, a convivência com os colonos púnicos da Sicília ocidental.

Uma outra variável que se impõe à consideração diz respeito à própria religião grega trazida pelos colonos. Vale lembrar que trata-se de um produto que se encontrava, em pleno séc. VIII, ainda em fase de elaboração e que sofreu consideráveis e substanciais mudanças até que, em período clássico assumisse a forma pela qual foi mais tarde descrita e conhecida. Assim, ao momento das primeiras levas colonizatórias, as *Duas Deusas*, Deméter e Core ainda percorriam trajetórias individualizadas na metrópole grega e apenas por volta do séc. V. a.C., com a afirmação da religião eleusínia, as duas figuras serão indissociáveis.

A introdução dos cultos à Deméter-Core/Perséfone na Sicília bem como a relação de dependência destes em relação aos tiranos sicilíotas – em especial Agátocles – são episódios relatados em textos de épocas variadas:

Heródoto VII, 153: relata a forma pela qual Telines, um antepassado remoto da família dos Deinomênidas, teria conquistado para si e seus descendentes o privilégio de exercer o sacerdócio das *Duas Deusas* em Gela. Por ocasião de uma desavença entre grupos antagônicos da cidade uma parte dos cidadãos teria abandonado Gela e se refugiado em Maktorion; Telines simplesmente apresentando “os objetos sagrados das deusas” conseguiria apaziguar a situação e obter o retorno dos descontentes à colônia. Por conta de tal feito, assegurou para sua família a dignidade de servir às deusas.

Diodoro Sículo, XI, 26-7: descreve a homenagem prestada por Gelon às *Duas Deusas* após ter vencido a batalha de Himera em 480: manda erigir em Siracusa dois templos em seu louvor.

Plutarco, Díon, 19,54 e Diodoro Sículo, XIX, 5,4: as duas referências referem-se ao costume do “Grande Juramento” à Deméter e Core-Perséfone, situação em que o indivíduo que deveria prestar o juramento era levado ao recinto destinado às *Duas Deusas*, sobre os seus ombros

era colocado um manto em púrpura e em suas mãos, uma tocha. Nos dois casos relatados pelos textos o uso deste cerimonial estava reservado a inimigos do Estado e o teor do juramento dizia respeito à manutenção da integridade de Siracusa ou de seus principais representantes.

No episódio descrito por Diodoro trata-se de Agátocles que foi forçado a jurar que não pretendia indispor-se contra a democracia e permanecer aliado de Cartago; já no caso contado por Plutarco, Callipius jurou que não estava conspirando contra Díon, então o poderoso tirano de Siracusa.

Plutarco, Timoleonte, 8: descreve o sonho da sacerdotista de Perséfone em Corinto nas vésperas da viagem de Timoleonte à Sicília, pressagiando que as *Doas Deusas* iriam acompanhá-lo. Timoleonte dá a um de seus navios o nome das divindades e, durante o percurso uma tocha ilumina o caminho, protegendo a expedição

Poliano, V.1: afirma que o terrível tirano Faláris aproveita-se da ocasião em que se celebram as *Thesmophorias* para tomar o poder.

A associação entre os cultos de Deméter e Core-Perséfone e a Sicília aparece em vários outros autores antigos: Cícero (*Verr.* 48, 106) afirma que toda a ilha lhes era consagrada; Diodoro Sículo (XVI, 66) segue na mesma direção e Píndaro (*Nem.* i, 13), por sua vez, assegura que Zeus teria presenteado Perséfone com a Sicília quando de suas núpcias com Hades. A cidade de Enna teria sido o mais importante centro de culto das deusas em período romano, de acordo com Cícero (*Verr.* 49-50).

A numismática aponta para uma lira de prata com representação de Deméter na quadriga, archote na mão direita e rédeas na esquerda como o mais antigo testemunho iconográfico a respeito desta associação. A datação desta moeda é controversa: Poole: "antes de 479", Holm: 461-430, Hiel: 480-413.

A introdução dos cultos de Deméter e Core-Perséfone na Sicília teve, provavelmente, como ponto de partida a cidade de Gela, para onde convergiu uma leva mista de colonizadores dentre os quais ródios e cretenses. De acordo com Heródoto (VII. 153) havia, dentre os colonos, um oriundo de Telos, que era depositário do sacerdócio das deusas ctônias. As escavações arqueológicas de Gela, sua colônia Agrigento e toda a *chora* circundante comprovam a ampla difusão

destes cultos já a partir do séc. VII. Gela foi fundada em 688 e o contínuo afluxo de novos colonos condicionou uma rápida ocupação das áreas contíguas ao núcleo de ocupação inicial. Os vestígios arqueológicos referentes a áreas de culto situadas no território indígena revelam a adoção de artefatos de cunho claramente religioso por estas comunidades. Assim, sítios como Monte Bubbonia, Vassalaggi, Sabucina, Monte Saraceno situados, seja na costa sudoeste, quanto no interior, apresentam estatuetas de terracota, prótomos femininos em terracota, cerâmica de fabricação grega – produzidos seja na Grécia metropolitana quanto na colônia.

O mapeamento dos achados arqueológicos na área cultural que se articula ao redor dos sítios de Gela e Agrigento evidencia um processo de transformação do culto às divindades ctônias, que passam a ser administrados, a partir da segunda metade do séc. VI a.C., pelo poder político da *polis* colonial, em lugar da antiga família dos Deinomênidas. Uma das evidências deste processo está no início das construções de edificações sagradas nos locais onde o culto era realizado ao ar livre. O *Thesmophorion* de Bitalemi em Gela é um dos exemplos mais elucidativos destas transformações, muito provavelmente gerenciadas e patrocinadas pelos governantes, responsáveis também, pela ocupação do território interiorano nesta mesma época.

Os santuários de Madonna dell 'Alemanha, Predio Sola, Via Fiume, além do já citado, de Bitalemi, localizam-se em locais afastados do núcleo de ocupação originário constituindo-se em postos avançados, com importante papel estratégico em relação às populações vizinhas. O conjunto de oferendas votivas destes santuários “extra-urbanos” – estatuetas de divindades femininas com o porquinho e a romã, lamparinas de terracota, prótomos femininos, vasos cerâmicos para oferendas múltiplas (*Kernos*), inscrições – bem como a presença de altares ctônios com aparato de conotação ritual, indicam Deméter e Core-Perséfone como as destinatárias destas áreas sagradas.

A partir de meados do séc. VI a.C. as evidências de estruturas arquitetônicas atestando o culto das deusas ctônias concentram-se ao redor de Agrigento – colônia fundada por Gela em 580 a.C. – e abrangem: Santuário Rupestre de S.Biagio, Santuário na colina de S.Nicola, Santuário Sant'Anna, Santuário de Deméter na rodovia Porto Empédocles e o Santuário das Divindades Ctônias, o maior e o de maior

complexidade estrutural. Ao lado do mesmo tipo de oferendas votivas são característicos os altares circulares duplos com dispositivos rituais – fossas para escorrer o sangue das vítimas – que testemunham os sacrifícios ctônios em contexto grego.

Do ponto de vista histórico, acredita-se que as tiranias substituíram governos de conotação oligárquica tanto em Gela quanto em Agrigento e Siracusa. Em 505 a.C. tem início, com Cleandro, uma sucessão de tiranos gelenses, cuja principal atuação direcionou-se, de imediato, para a ampliação da área de domínio da cidade empreendendo lutas frequentes com as demais *poleis* sicilianas. O sucessor de Cleandro, Hipócrates, conseguiu uma vitória significativa contra Siracusa, destruindo, no meio desta luta a cidade de Camarina. Esta foi uma característica da Sicília antiga: tiranias com pretensões imperialistas envolvendo-se em lutas sangrentas contra não só gregos como também cartagineses, que haviam estabelecido no sudeste algumas colônias como Lilibeu, Panormo, Segesta. Nestes processos expansionistas os tiranos usavam do expediente seguinte: transferiam populações inteiras de uma cidade para outra provocando a desarticulação de eventuais opositores mas, concomitantemente gerando tensões sociais que o estímulo a festivais religiosos procurava minimizar.

O favorecimento, realizado por Gélon – tirano gelense que dominou Siracusa e transferiu para lá as populações de Camarina, Mégara Hibleia e parte dos gelenses – dos cultos de Deméter e Core-Persefone significou uma ampla difusão destes por toda a Sicília durante o séc. V a.C. O tirano os teria oficializado e, de acordo com Diodoro Sículo (V. 4, 5) os teria “popularizado”. Por conta disto, os festivais em honra das “Duas Deusas”, quando das sementeiras, duravam dez dias e toda a população deles participava, em flagrante diferença com o que se acredita serem seus equivalentes em Atenas – as *Thesmophorias* – cuja duração era de três ou quatro dias e frequentadas apenas pelas mulheres legítimas dos cidadãos de Atenas (*Ath. XVI 647 a*, e Plutarco, *Dion 56*, referem-se às festividades siracusanas como *Thesmophorias*). A nova natureza destas festas, por assim dizer plebéia e democrática, teria por objetivo promover a integração da tão heterogênea população de Siracusa no séc. V a.C.

Durante o séc. IV e todo o séc. III a.C. o culto de Deméter continua em expansão, possivelmente graças a Dionísio, Timoleonte

e Agátocles. Em várias cidades reconstruídas por Timoleonte os santuários às deusas ctônias merecem destaque; Agátocles promove cunhagens monetárias com a efígie de “koras”.

Durante os raros períodos de paz entre gregos e seus vizinhos púnicos provavelmente ocorreu a adoção de elementos da religião ctônia das Duas Deusas por parte dos colonos de origem fenícia. As escavações de Selinonte – situada na área de fronteira greco-púnica – revelam uma mistura da Deméter ou Perséfone gregas com Tanit Pene Baal, divindade do panteão fenício. Em 396, a religião de Deméter é introduzida em Cartago.

A medida que se acredita que a religião grega assumiu, na Sicília, uma feição particular e integrada à complexa situação gerada pelo fenômeno “colonização”, a análise sistemática e exaustiva de um sítio é decisiva no estabelecimento de novas hipóteses de trabalho. Assim, o trabalho de M. Bell sobre as terracotas de Morgantina, que se insere no amplo projeto de escavações deste sítio patrocinado pela Universidade de Princeton, revelou uma transformação fundamental na visão corrente a respeito do culto às “Duas Deusas”. Nas conclusões a que chegou, após o exame do material votivo referente a seis depósitos de oferendas associados a área sagradas, o autor atribuiu somente a Perséfone os cultos que teriam se efetivado em Morgantina.

Esta hipótese vai de encontro a conclusões similares relativas aos sítios de Locres, na Península Itálica, onde foi documentado, a partir do estudo do conjunto votivo do santuário “della Manella”, o culto isolado a Perséfone. Tal situação é rara no Mediterrâneo, mas compreensível se pensarmos que quando teve início o grande movimento colonizatório para o Ocidente, a religião grega encontrava-se “aberta” a uma série de formulações que, lentamente vão sendo estruturadas durante todo o período arcaico. No momento é impossível precisar os passos que, nas colônias, foram percorridos na elaboração desta religião que iria caracterizar a Sicília grega. Mesmo assim a documentação arqueológica permite que se concorde com o Prof. Trabulsi que afirma, em recente estudo sobre o Dionisismo: “A mesma corrente religiosa pode, ..., se acomodar a formações sociais e econômicas muito diferentes, mas ela não será jamais a mesma”.

Para finalizar, gostaria de expor, a título de exemplo, algumas das idéias de Connor que além de se reportar a contextos medievais

e renacentistas, analisa também a época dos pisistrátidas, abordando as relações entre a política e a religião:

Os rituais cívicos, na sua opinião, podem servir aos interesses dos governantes, mas não devem ser considerados apenas como propaganda e não veiculam mensagens em apenas uma direção. Connor rejeita a visão corrente que opõe um governante autoritário e demagogo e uma população facilmente “manipulável”, receptiva e acrítica. Assim, há uma ênfase nos festivais coletivos como meios de comunicação em dois sentidos. Para tanto, o líder frequentemente faz uso de estruturas tribais, procissões, festivais articulando valores da comunidade e consensos emergentes sobre “state policy”. Agindo no sentido de utilizar formas variadas de cerimônias cívicas e festividades religiosas coletivas, tradicionais, diminui a distância que normalmente se interpõe entre ele e seus seguidores.

Desta feita, o estadista de sucesso é visto como um líder estreitamente ligado à sua comunidade, compartilhando muitos de seus valores, reconhecendo de imediato consensos emergentes e utilizando comportamentos e mecanismos tradicionalmente aceitos, para expressar e afirmar padrões da vida cívica embuídos de conteúdos renovados.

Uma abordagem das tiranias sicilianas dentro de novos parâmetros teóricos ainda está por ser elaborada. A documentação arqueológica, no entanto, devidamente utilizada, poderá fornecer subsídios relativos à cultura material fundamentais para o delineamento de novas hipóteses de trabalho.

ABSTRACT: Political Power and Religion: Archaeological Documentation of Ancient Sicily. — This communication refers the results of a research on the relationship between the political power and religion in a colonial area, using as sources archaeological documents of varied nature: artifacts of ritual or votive nature and architectural structures relative to the sacred areas. Written sources have also been taken into consideration, and confronted to the material testimonies, exemplifying an usual procedure in Classical Archaeology. The investigated area is Sicily; specially the greek colonies of Gela, Agrigento, Selinonte. The treatment of our main problem – the occasional political “manipulation” of cults by the local tyrannies – started with the approach of the religion of Demeter and Kore-Persephone from the VIIth. to the IIth. century a.C.

Bibliografia

- Bell, A. M. - Terracottas. *Morgantina studies*, Vol. 1, 1981.
- Bisi, A. M. - "La religione punica in Sicilia alla luce delle nuove scoperte archeologiche" *Studi e Materiali di Storia delle Religioni*, XXXIX, 1, 1968 (pp. 31-59)
- Breljch, A. - "La religione greca in Sicilia", *Kokalos*, X-XI, 1964-1965, (pp 35-54).
- Connor, W. R. - "Tribes, festivals and processions: civic ceremonial and political manipulation in Archaic Greece", *Journal of Hellenic Studies*, CVII, 1987, (pp. 40-50)
- Laffineur, R. - "Archéologie et religion: problèmes et méthode" *Kernos*, 1, 1988. (pp. 129-140).
- Moutsopoulos, E. - "Vers une approche pluridisciplinaire de la religion grecque antique. Le problème des sources", *Kernos*, 1, 1988, (pp. 105-110).
- Picard, C. - "Sacra punica", *Karthago*, XIII, 1967.
- Renfrew, C. et. al. - "the archaeology of cult. The sanctuary of Phylakopi", *BSA suppl.* XVIII, (pp. 1-4).
- Torelli, M. - "Greci e indigeni in Magna Grecia: Ideologia religiosa e rapporti di classe", *Studi Storici*, 18-4, 1977, (pp. 45-61).
- Tusa, V. - "Selinunte punica", *R.I.A.S.A.*, n.s., XIII, 1971, (pp. 47-68).
- White, D. - "Demeter's Sicilian cult as a political instrument", *Greek, Roman and Byzantine Studies*, vol. 5, 4, 1964 (pp. 251-279).